



## GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergip) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

### **Sangrando em página dupla: representações da morte na imprensa brasileira durante o regime militar**

**Autoria:** Marcelo Eduardo Leite, Leylianne Alves Vieira

Historicamente, a morte foi objeto de variadas interpretações e representações nas mais diversas sociedades, em lugares e tempos distintos, provocando maneiras singulares de processos rituais. Dentre as mais variadas formas de representação da morte, em sentido amplo, e do morto, em âmbito privado, as imagens ganharam importância. Desde máscaras e pinturas, construídas ao longo dos séculos, até o uso da fotografia, em tempos mais recentes, as imagens fotográficas de pessoas mortas passaram a integrar as narrativas dos álbuns fotográficos. É fundamental que reconheçamos que as representações da morte potencializam aspectos da memória, tanto no âmbito privado, como no coletivo, permitindo que tenhamos algo que diminua o sentimento de perda. Imagens de mortos também estiveram presentes em variadas narrativas midiáticas do século XX. Em muitos casos, o propósito é sobrepor a presença da morte às lembranças do indivíduo em vida. Tais imagens representam o morto, evocando uma presença física e, ainda, sua representação visual, seja no sentido de exaltar sua relevância, ou de tornar pública sua morte. No século XX a fotografia passou por um intenso processo de transformação técnica que permitiu a projeção de uma pluralidade de discursos, dentre eles o da morte, sobretudo relacionada aos eventos políticos. Na história recente temos alguns exemplos da exposição fotográfica de personagens determinantes da vida política e social, cuja representação imagética da morte foi muito além de uma comprovação, tendo ainda o objetivo de promover o esfacelamento das ideias e o fim de uma liderança, como é o caso de Antônio Conselheiro, fotografado por Flávio de Barros, ou de Che Guevara, fotografado por Marc Hutten. No caso brasileiro, alguns dos principais veículos de mídia ajudaram a corroborar o discurso da ditadura militar. Após a promulgação do Ato Institucional Nº 5, a censura foi instituída e passou-se a enfrentar problemas para publicar determinadas versões dos acontecimentos. Neste contexto, duas das principais revistas do país publicaram fotografias que estampavam os corpos crivados de bala dos principais 'inimigos do regime': Carlos Marighela (O Cruzeiro, 1969) e Carlos Lamarca (Manchete, 1971). Nestes casos, a publicação das



imagens atendia a ao menos dois objetivos: 1) ampliar a sensação pública de combate ao terrorismo e 2) comprovar a morte dos personagens. As cenas foram montadas pela polícia para a tomada das fotografias, apontando para a existência de determinados interesses. Propomos, portanto, analisar como estas imagens foram inseridas dentro do contexto de ditadura militar, assumindo um papel na narrativa do combate às esquerdas armadas. Mesmo após estas tentativas de morte das personagens, elas continuam vivas nos campos político e social.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

